

8 de Junho de 2004

## Estatísticas Vitais - Natalidade

### Resultados provisórios de 2003

#### QUEBRA DE NADOS-VIVOS EM 2003

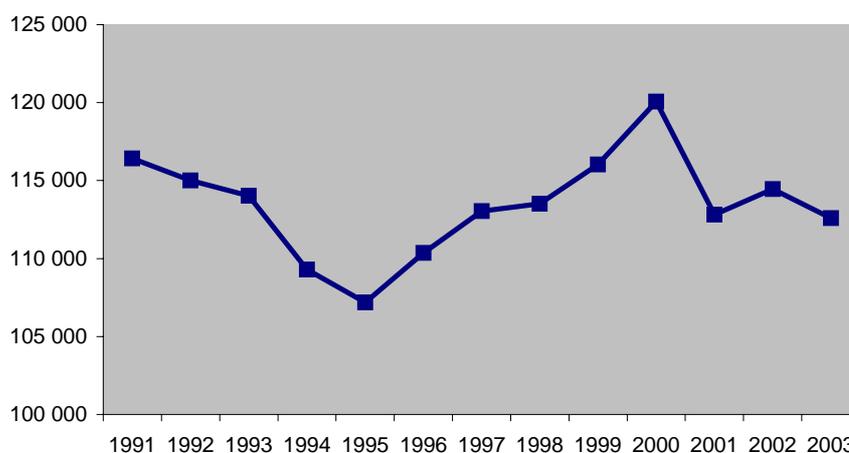
Em 2003, a natalidade decresce ligeiramente no país, o número de nados-vivos fora do casamento continua a aumentar e já representa mais de um quarto do total de nascimentos. A idade das mães e dos pais das crianças nascidas em 2003 revela que somos pais cada vez mais tarde. Há mais mães empregadas enquanto que os pais desempregados aumentam ligeiramente. Continua a verificar-se uma tendência crescente para os filhos únicos.

#### No âmbito nacional - Nascem menos crianças

Em 2003, o número de nascimentos de crianças vivas em Portugal foi de 112 589 (dados provisórios), valor inferior ao registado em 2002 (114 456 crianças), o que corresponde a uma variação anual negativa de 1,6%.

Entre 1991 e 2003 a evolução do número de nados-vivos indicia a existência de ciclos, apresentando uma fase de decréscimo entre 1991 e 1995, ano em que atinge o valor mais baixo de nados-vivos (107 184), para depois iniciar uma fase de crescimento até 2000, ano em que se regista o valor máximo de nascimentos vivos (120 071) nesta série. A partir daí inicia-se um novo ciclo em fase decrescente em que o ano de 2003 contribui para consolidar a variação negativa dos nascimentos nesse período, na ordem dos 3%.

Número de nados-vivos  
1991 - 2003



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

A taxa de natalidade em 2003 (valor estimado) foi de 10,8 nascimentos por mil habitantes, valor inferior ao de 2002 (11,0 por mil). Entre 1991 e 2003, a evolução deste indicador é semelhante à evolução dos nascimentos, sendo o valor mínimo de 10,7 por mil em 1995 e o máximo de 11,8‰ em 1991 e 2000.

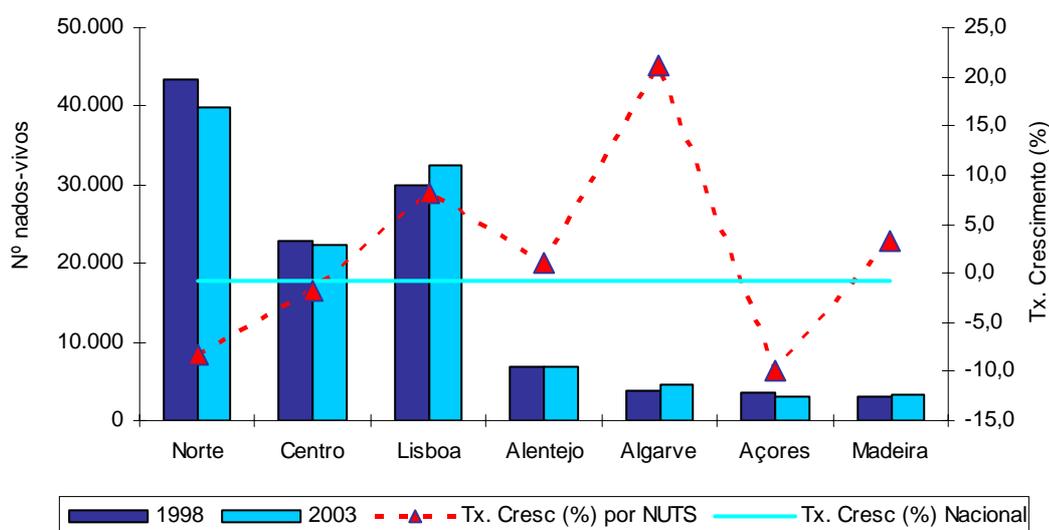
Número total de nascimentos, 1991 - 2003													
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Total	116.415	115.018	114.030	109.287	107.184	110.363	113.047	113.510	116.038	120.071	112.825	114.456	112.589
Homens	59.920	58.891	58.428	56.475	55.711	57.374	58.102	58.589	59.792	62.262	58.397	59.346	58.246
Mulheres	56.495	56.127	55.602	52.812	51.473	52.989	54.945	54.921	56.246	57.809	54.428	55.110	54.343
Taxa de natalidade(‰)	11,8	11,5	11,4	10,9	10,7	11,0	11,2	11,2	11,4	11,8	10,9	11,0	10,8

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

### A nível regional – Algarve tem o maior aumento de nascimentos vivos

De acordo com as novas áreas geográficas NUTS II (definidas como a Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos – Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de Novembro), a região onde ocorreu o maior número de nascimentos de crianças vivas foi, à semelhança dos anos anteriores, no Norte (39 903). No entanto, nos últimos dez anos, esta região tem vindo a perder importância a este nível. Em termos proporcionais, no ano de 1998, o Norte representava 38,3% da natalidade do país, passando para 35,5%, no ano de 2003; em contrapartida, o peso da região de Lisboa, que era de 26,4% em 1998, passou para os 28,8%, em 2003.

Número de nados-vivos por NUTS II para 1998 e 2003 e a Taxa de Crescimento de nados-vivos entre 1998 e 2003, Nacional e para cada NUTS II

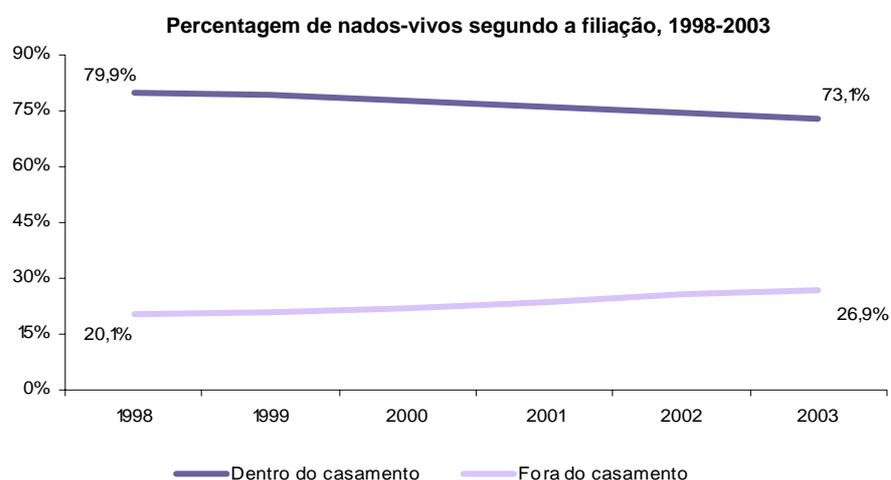


Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

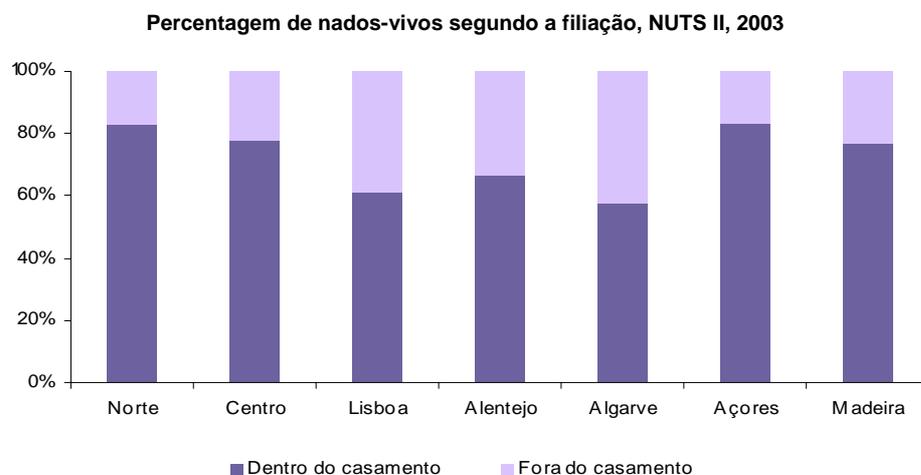
No período de 1998 a 2003, o Algarve foi a região onde ocorreu um maior aumento de nados-vivos (21,1%), seguindo-se Lisboa (8,2%), a Região Autónoma da Madeira (3,3%) e o Alentejo (1,0%). As restantes regiões registaram uma diminuição de nascimentos vivos, destacando-se nesse fenómeno a Região Autónoma dos Açores e o Norte com as quebras mais acentuadas, -9,9% e -8,2%, respectivamente.

### Filiação – Mais de um quarto dos nados-vivos nasce fora do casamento

No que respeita à filiação (pais casados ou não entre si), a maioria dos nascimentos em Portugal continua a ocorrer dentro do casamento (73,1%), apesar do aumento progressivo que se verifica nos nascimentos fora do casamento nos últimos anos. Em 2003, a proporção dos nados-vivos fora do casamento foi de 26,9% (30 239), o que corresponde a cerca de sete pontos percentuais a mais face a 1998 (22 862).



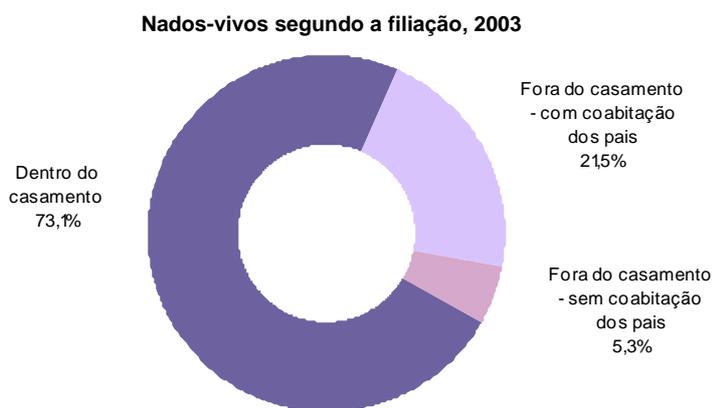
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

Pertencem às NUTS II do sul do país as percentagens mais elevadas de nascimentos fora do casamento, com valores bastante acima do valor nacional (26,9%): Algarve (42,2%), Lisboa (39,3%) e Alentejo (33,3%); por oposição, a Região Autónoma dos Açores (16,9%) e o Norte (17,5%) registaram as proporções mais baixas.

A maioria dos nados-vivos fora do casamento são provenientes de pais que vivem em coabitação. Em 2003, cerca de 80% das crianças nascidas fora do casamento (24 222) eram filhas de pais não casados legalmente mas a viver em coabitação, correspondendo a 21,5% do total de nados-vivos (15,2% em 1998).



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

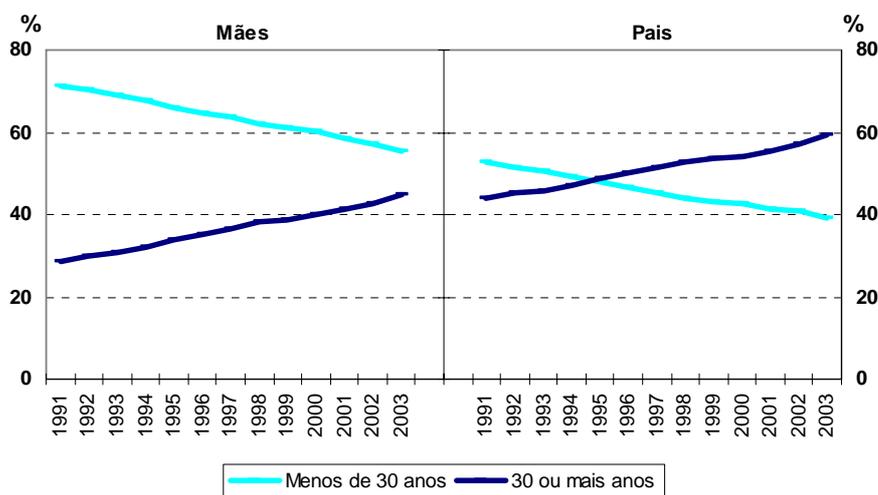
### Idade dos pais – Mães e pais cada vez mais tarde

Relativamente à idade da mãe, os resultados da natalidade em 2003 demonstram e reforçam a tendência do adiamento da maternidade em Portugal. Neste ano, a proporção de mulheres parturientes com idades até aos 29 anos foi de 55,2%, as mães com idades compreendidas entre 30 e 39 anos representaram 42,2% e as com 40 ou mais anos 2,6%. Há pouco mais de uma década, em 1991, estas proporções situavam-se em 71,2%, 27,0% e 1,8%, respectivamente. Analisando os escalões etários quinquenais, entre os 20 e os 39 anos de idade das mães, os escalões “20 a 24 anos” (28,0% em 1991 e 16,8% em 2003) e “25 a 29 anos” (34,8% em 1991 e 32,9% em 2003) têm vindo progressivamente a perder peso; enquanto que os escalões “30 a 34 anos” (19,9% em 1991 e 29,7% em 2003) e “35 a 39 anos” (7,1% em 1991 e 12,5% em 2003) têm mostrado uma evolução significativamente crescente neste período.

Quanto à idade do pai relativamente ao momento do nascimento dos filhos, a tendência para o “envelhecimento” ganha ainda maior notoriedade. Das crianças nascidas vivas em 2003, 39,1% tinham um pai com idade inferior a 30 anos, 49,7% dos pais tinham entre 30 e 39 anos e 9,6% tinham pelo menos 40 anos. Retrospectivamente, em 1991, a mesma distribuição etária apresentava as seguintes proporções: 52,7%, 37,9% e 6,1%. Por escalões etários quinquenais, entre os 20 e os 39 anos de idade dos pais, os escalões “20 a 24 anos” (16,9% em 1991 e 10,1% em 2003) e “25 a 29 anos” (34,0% em 1991 e 27,6% em 2003) têm vindo progressivamente a perder peso,

enquanto que os escalões “30 a 34 anos” (26,2% em 1991 e 31,8% em 2003) e “35 a 39 anos” (11,7% em 1991 e 17,9% em 2002), tal como acontece com as mães, têm mostrado uma evolução igualmente crescente neste período.

Proporção dos progenitores abaixo e acima dos 30 anos, 1991-2003

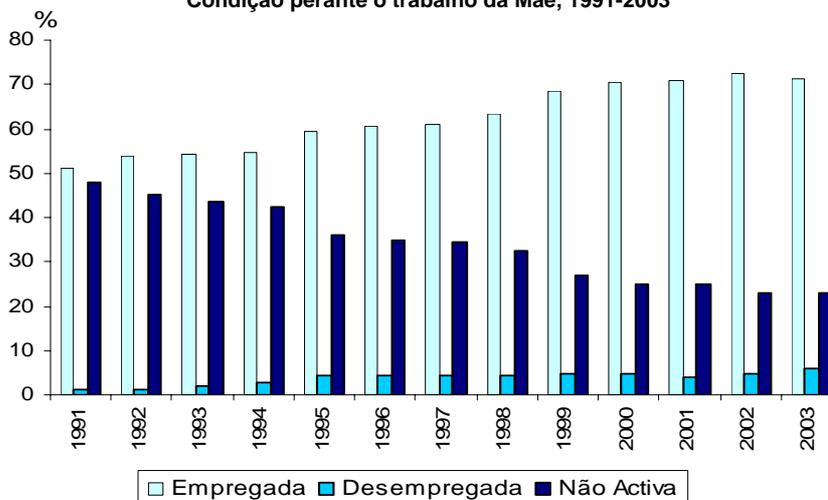


Fonte: INE, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

### Condição perante o trabalho dos pais – Mais mães empregadas, mais pais no desemprego

Relativamente à condição perante o trabalho das mães evoluiu-se na última década de uma situação em que apenas 51,4% das mães de nados-vivos estavam empregadas, para uma realidade actual em que as mães empregadas representam 71,9%, assistindo-se ao cenário inverso em relação às mães inactivas que representavam 47,8% em 1991 e em 2003 representam 22,8% do universo.

Condição perante o trabalho da Mãe, 1991-2003



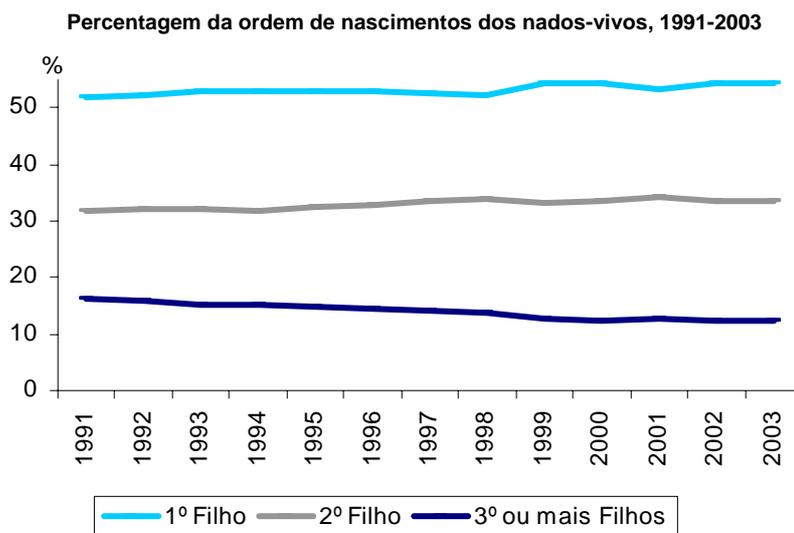
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

No caso dos pais o fenómeno mais evidente é o aumento da percentagem de desempregados em pouco mais de uma década, de 0,9% em 1991 para 2,3% em 2003, assim como a correspondente diminuição da percentagem de pais empregados de 93,7% em 1991 para 92,7% em 2003.

### Ordem de nascimento – Mantêm-se a tendência para os filhos únicos

Em 2003, as tendências relativamente às proporções de nados-vivos no enquadramento da ordem dos nascimentos foi praticamente idêntica à do ano anterior, sofrendo apenas ligeiras variações, de cerca de 0,1%, relativamente a 2002.

Assim, 54,3% dos nascimentos de crianças vivas corresponderam a nascimentos de primeiros filhos, 33,4% dos nados-vivos deste ano de 2003 foram relativos a crianças já com um irmão e 12,3% dos nascimentos deste mesmo ano referem-se a terceiros ou mais filhos. No ano anterior (2002), a distribuição pela mesma ordem, foi a seguinte: 54,2%, 33,4% e 12,4%, o que identifica de forma inequívoca que se atingiu um padrão na ordem de nascimentos que só muito lentamente se alterará.



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 1990-2002, Estatísticas Demográficas provisórias, 2003

Em 1991, os primeiros filhos perfaziam 51,8% do total de nascimentos, os segundos filhos 31,9% e os terceiros ou mais filhos 16,3%; e ainda, se se recuar duas décadas, em 1981, estas proporções eram as seguintes: 44,2%; 32,7% e 23,1%. Por conseguinte, tem-se observado, em mais de vinte anos (ano base: 1981), uma acentuada subida (+22,7%) da proporção dos filhos de primeira ordem; também uma ligeira subida (+2,1%) quanto aos filhos de segunda ordem; e uma descida bastante acentuada (-46,4%) dos filhos de terceira ordem ou superior.

As mulheres, num sentido mais restrito, ou as famílias portuguesas, num sentido mais amplo, têm optado progressivamente pelo filho único, ou quando muito por um segundo filho. As mães com três ou mais filhos são cada vez mais uma raridade.

## A relação de masculinidade dos nados-vivos diminui

Em 2003, a relação de masculinidade à nascença (indicador que relaciona o número de nascimentos masculinos por cada 100 nascimentos femininos) foi de 107, valor ligeiramente inferior ao de 2002 (108 nascimentos de rapazes por 100 de raparigas).

Entre 1991 e 2003 a relação de masculinidade à nascença apresenta pequenas oscilações anuais, variando entre o valor mínimo de 105 e o máximo de 108.

Relação de masculinidade à nascença (por cem), 1991-2003

